

## EDITORIAL

**MAIO DE 68 E AS URGÊNCIAS DE HOJE**

Há 50 anos eu morava no interior de São Paulo e estudar na capital ainda era um projeto. Paris era inatingível e a festa revolucionária de maio de 68, que concentraria os sonhos da juventude, não era minha, nem de meus colegas. A renovação de valores, a revolução sexual, aquele acontecimento deslumbrante tão noticiado não fazia parte de nossos desejos. No Brasil, a ditadura vinha desde 1964, e a juventude tinha outras urgências. O AI-5 (Ato Institucional n. 5) baixado em dezembro durante o governo do General Costa e Silva esquadrinhou um dos momentos mais adversos da história do país. Ainda adolescentes, sentíamos medo da soberania opressora – 68 para a geração que vivia no Brasil foi uma outra história – e bem mais amarga.

O professor da **Unicamp** Gabriel Ferreira Zacarias, em um ensaio primoroso, nos mostra como “ambiguamente podemos perceber o quanto permanecemos próximos e distantes do movimento de revolta de 50 anos atrás”, que entra em diálogo com o dossiê, sugerido e editado pela professora Esther Solano, um diagnóstico sobre o surgimento de novos movimentos à direita no Brasil que se apresentam com uma plataforma tradicional de objetivos. Quem são e o que pensam as “novas” direitas e as pressões que suas forças conservadoras exercem na vida política do país é um dos destaques desta edição.

O professor Jessé Souza, em entrevista exclusiva, afirma: “O que há no fundo é o ódio ao pobre”.

Não pretendemos avaliar se as conquistas sociais e políticas ao longo desses últimos 50 anos foram plenas e objetivas, mas podemos afirmar que as elites continuam habitando os mesmos quadriláteros e estudando nas mesmas escolas. E o medo permanece mais pulsante, principalmente nas periferias.

Quem sabe ainda em 2018 o acontecimento revolucionário não ocorra por aqui?

Boa leitura.

Daysi Bregantini

**DAYSI@REVISTACULT.COM.BR**